



AUTOMEDICAÇÃO REFERIDA POR ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DA ZONA DA MATA MINEIRA

Leonardo Peroni¹

Luan Franco Martins¹

Lucas Mendes de Assis Moreira¹

Luís Cláudio da Motta Barbosa¹

Sedecias de Almeida Franco Neto¹

Grazielle Brandão Coelho²

Fernanda Cristina Ferrari³

professorafernandaferrari@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO:

A automedicação pode ser entendida como a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças ou sintomas sem a indicação e/ou acompanhamento de um profissional de saúde adequado. O presente estudo tem como objetivo investigar a incidência e os principais motivos da automedicação entre os discentes do curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior (IES) situada em um município da Zona da Mata Mineira. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, do tipo descritiva, realizada por meio de um questionário aplicado aos universitários do 3º período do curso de medicina, abrangendo 83 alunos, sendo 71,08% do sexo feminino e 28,92% masculino, destes, 59,04% apresentavam idade entre 21-30 anos e 72,29% possuíam convênio médico. Os resultados apontaram que em algum momento 100% dos participantes já se automedicaram, e 79,52% já fizeram compras de medicamentos em farmácias sem receita médica. Com relação a não procura de orientação médica, 89,16% não julgou necessário no momento por se tratar de algo leve, e 100% afirmaram obter resultados positivos com o uso da automedicação, que teve uma frequência de 63,86% relatando ter se automedicado em torno de 1 a 5 vezes no último ano. Portanto, deve-se traçar estratégias para combater a automedicação entre os estudantes, a fim de reduzir esse ato, capacitar e qualificar esses futuros profissionais da saúde.

PALAVRAS-CHAVES: Automedicação; Estudantes; Medicina.

1. INTRODUÇÃO

¹ Acadêmicos do curso de Medicina, Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX.

² Acadêmica do curso de Medicina, Farmacêutica e Especialista em Docência do Ensino Superior (UNIVÉRTIX), Mestre em Ciências Farmacêuticas (UFOP). Professora do curso de Farmácia da Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX – Matipó.

³ Farmacêutica, Mestre e Doutora em Ciências Farmacêuticas (UFOP). Professora dos cursos de Farmácia, Enfermagem, Medicina Veterinária, Odontologia e Medicina da Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX - Matipó.

De acordo com o 9º Boletim de Farmacovigilância sobre Medicamentos Isentos de Prescrição - MIPs e automedicação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA (2020), a automedicação pode ser compreendida como a prática dos indivíduos em tratar seus próprios sintomas e males menores com medicamentos aprovados e disponíveis sem a prescrição médica e que são seguros quando usados seguindo as instruções.

Há diversos riscos que a automedicação pode acarretar à saúde individual e coletiva, como atraso no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto, devido ao mascaramento dos sintomas, possibilitando o agravamento do distúrbio; a escolha do medicamento inadequado; a administração incorreta, dosagem inadequada e uso excessivamente curto ou prolongado do medicamento, dentre outros fatores (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Nesta concepção, este trabalho teve como objetivo investigar a incidência e os principais motivos da automedicação entre os discentes do curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior (IES) situada em um município da Zona da Mata Mineira. Estudos como este tornam-se relevantes por reunir informações, como a divulgação de riscos inerentes associados a essa prática, como a ocorrência de reações adversas e intoxicações. Assim, os dados divulgados irão beneficiar a população em geral, permitindo melhor conhecimento sobre a prática inadequada da automedicação, evitando problemas futuros, melhorando assim a saúde pessoal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de forma inadequada, e, ainda, que metade de todos os pacientes não os utiliza corretamente. Sendo assim o uso irracional ou inadequado de medicamentos, um dos maiores problemas de saúde em nível mundial (OMS, 2017).

Conforme o Ministério da Saúde (MS) existem diversas formas de praticar o uso irracional de medicamentos como por exemplo: uso de muitos medicamentos por paciente ("polifarmácia"); uso inadequado de antimicrobianos, muitas vezes em

dosagem inadequada, para infecções não bacterianas; excesso de uso de injeções quando formulações orais seria mais apropriado; falta de prescrição de acordo com as diretrizes clínicas; automedicação inapropriada, muitas vezes medicamentos prescritos de forma errônea; não aderência aos regimes de dosagem (BRASIL, 2019).

No Brasil, segundo a pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), através do Instituto Datafolha, a automedicação é um hábito comum a 77% dos brasileiros que fizeram uso de medicamentos em um período de seis meses no ano de 2019. Sendo que a frequência de uso de medicamentos sem prescrição é maior entre o público feminino: uma vez que 53% das entrevistadas informaram utilizar medicamentos por conta própria no mínimo uma vez ao mês (BRASIL, 2019).

É importante ressaltar, que o uso incorreto de substâncias e até mesmo fármacos vistos como simples pela população, como os medicamentos isentos de prescrição, tais como analgésicos, podem ocasionar inúmeras e sérias consequências, como: resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, estimulação do organismo para a produção de anticorpos sem a real necessidade, dependência do medicamento sem a verdadeira precisão; hemorragias digestivas, dentre muitas outras (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária todo medicamento apresenta riscos associados ao seu consumo e seu uso deve ser baseado na relação benefício-risco, ou seja, os benefícios para o paciente devem superar os riscos associados ao uso do produto. Ressaltando que essa avaliação deve ser pautada em critérios técnico-científicos, de acordo com as características do paciente e do conhecimento que se tem sobre a doença (ANVISA, 2021).

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, do tipo descritiva, cujo objetivo é investigar a automedicação entre universitários da área da saúde especificamente do curso de medicina. Segundo Gil (2002, p. 42) pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Sendo uma de suas características mais significativas a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior (IES) situada em um Município da Zona da Mata Mineira, para os universitários do 3º período do curso de Medicina. Quanto à amostragem, foi investigado um total de 83 graduandos devidamente matriculados.

Esta pesquisa foi realizada durante o mês de abril de 2021, por meio de coleta de dados a partir da aplicação de um questionário contendo na primeira parte variáveis sociodemográficas: sexo, idade, plano de saúde e na segunda parte dez questões objetivas sobre a automedicação.

Para aplicação do questionário, foi informado à amostra os objetivos do estudo e a sua participação foi concretizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este estudo seguiu as especificações da Lei 466/2 (BRASIL, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, resguardando-lhes o anonimato e autonomia de recusar-se ou desistir de fazer parte da amostra do estudo.

O questionário foi criado através do Google formulários e aplicado de maneira remota (online), sendo enviado aos participantes pelo chat da plataforma Zoom durante aula prática da disciplina de Farmacologia I e também pelo WhatsApp, após autorização da IES e confirmação eletrônica do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, os questionários foram digitados no programa *Microsoft Excel* e foram realizadas as análises de estatística descritiva. Desta maneira, as informações foram exibidas no formato de tabelas e gráficos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa objetivou investigar a incidência e os principais motivos da automedicação entre os discentes do 3º período do curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior (IES) situada em um município da Zona da Mata Mineira. Participaram 83 acadêmicos de ambos os gêneros, devidamente matriculados no ensino superior, conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1: Características sociodemográficas dos discentes do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Variáveis	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Gênero		
Feminino	59	71,08
Masculino	24	28,92
Idade		
15-20 anos	28	33,73
21-30 anos	49	59,04
31-40 anos	4	4,82
41-50 anos	2	2,41
51 anos ou mais	-	-
Convênio médico		
Sim	60	72,29
Não	23	27,71

Fonte: Elaborado pelos autores

Dessa forma, como representado na Tabela 1, a maioria dos participantes desta pesquisa eram do gênero feminino (71,08%); apresentaram idade entre 21-30 anos (59,04%) e possuíam convênio médico (72,29%). Assim, em proximidade com outros estudos, a incidência da automedicação encontrada apresenta similaridades nas variáveis do perfil populacional, com alguns grupos com maior ocorrência dessa prática sendo universitários, jovens e sexo feminino (XAVIER *et al.*, 2021). Também cabe destacar que a maioria dos acadêmicos de medicina que fazem uso de medicação por conta própria possuía convênio médico (plano de saúde), o que vem de encontro a dados de literatura que evidenciam automedicação entre universitários médicos, inclusive por aqueles de classes sociais mais elevadas (TOGNOLI *et al.*, 2019).

A Tabela 2 aponta que, ao serem questionados sobre a prática de se automedicar, (consumir um produto com a finalidade de tratamento de doenças ou

alívio de sintomas sem a supervisão ou a prescrição de um profissional) todos os participantes relataram já ter praticado tal ato, algo muito preocupante por se tratarem de acadêmicos da área de saúde e futuros profissionais da saúde. A automedicação é uma decisão potencialmente nociva à saúde individual e coletiva, pois até mesmo um medicamento utilizado de forma correta em sua indicação, se administrado em altas doses, pode causar sérios danos ao usuário (CHEHUEN NETO *et al.*, 2006).

Tabela 2: Prática da automedicação, entre discentes do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Você já se automedicou?	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Sim	100	100
Não	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com a Figura 1 que revela as formas de aquisição dos medicamentos utilizados na prática da automedicação, a compra de medicamentos em farmácias sem receita médica é a forma prevalente entre estudantes de medicina, sendo observado em 79,52% dos casos.

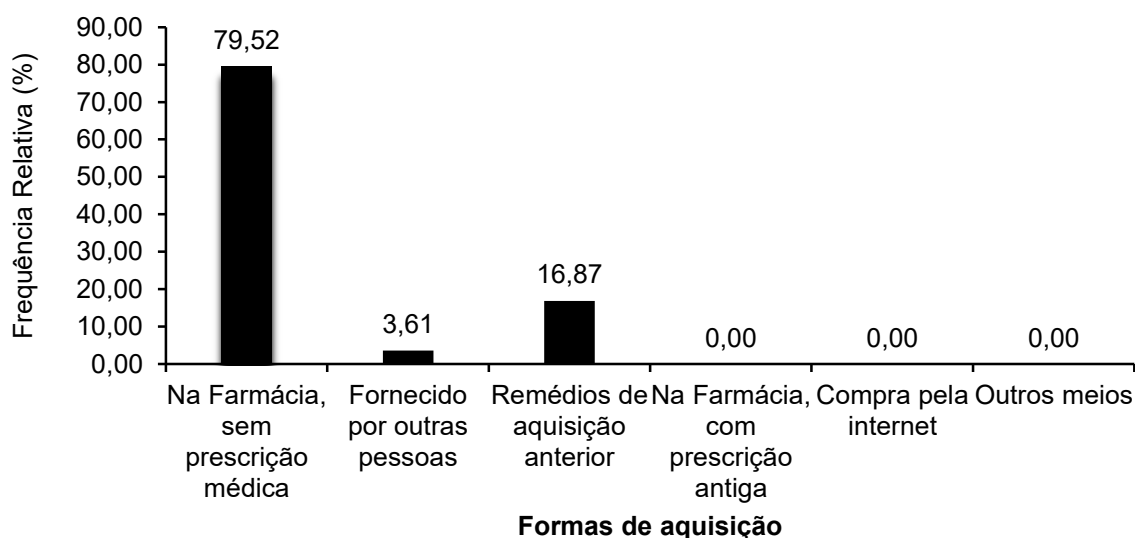


Figura 1: Formas de aquisição de medicamentos pelos acadêmicos do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores

As farmácias de âmbito privado são as principais responsáveis pela distribuição e comercialização de medicamentos, sendo muitas das vezes comandadas por leigos sem conhecimento técnico adequado e capacidade de instruir o público sobre o uso das diversas classes medicamentosas. Além disso, as farmácias competem entre si através de serviços que facilitam a vida do consumidor, oferecendo, por exemplo, entrega em domicílio, em que geralmente o vendedor ou o entregador não são profissionais da saúde e não exigem ou não são orientados a pedir a receita médica, além disso não fornecem a orientação ao paciente sobre o uso correto do medicamento (LUCENA *et al.*, 2020).

Com relação aos motivos da não procura de orientação médica, 89,16% dos participantes não julgaram necessário no momento, por se tratar de algo leve, conforme demonstrado na Figura 2. Podemos inferir que esta autoconfiança seja adquirida por informações obtidas em propagandas, internet, ou mesmo em sala de aula, além das experiências anteriores com o mesmo medicamento (CHEHUEN NETO *et al.*, 2006).

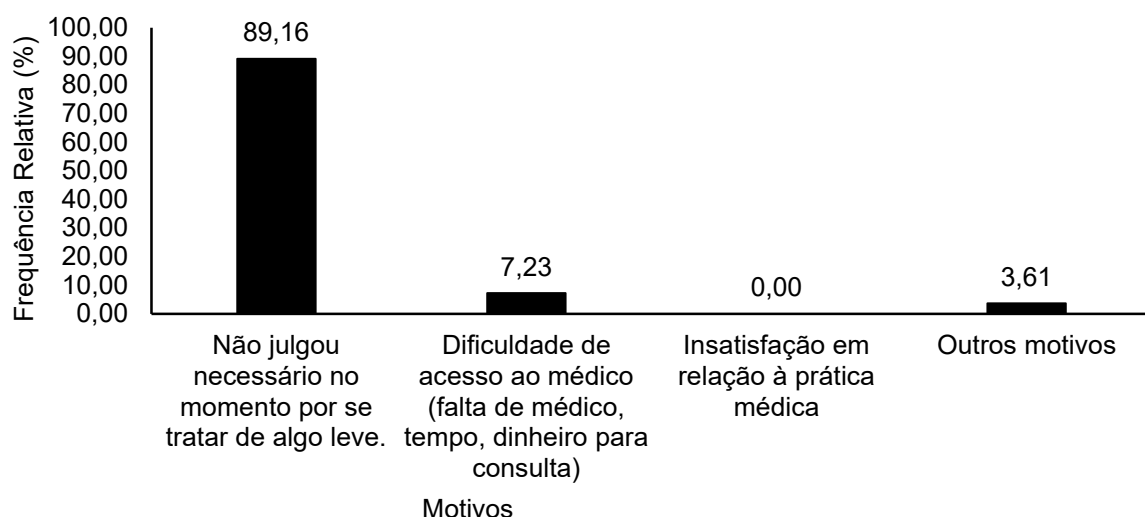


Figura 2: Motivos da não procura de orientação médica pelos acadêmicos do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação às diferentes fontes de orientações para a prática da automedicação (Figura 3), 48,19% dos entrevistados relataram fazer uso de

medicação por conta própria. Nesse sentido, destaca-se que o ato de se administrar medicamentos por conta própria é um hábito bastante comum entre pessoas de maior grau de escolaridade, isso porque, pelo mínimo que se tenha de estudo, já é o necessário para conceder segurança ao usuário em seu momento de necessidade em praticar a automedicação (LUCENA *et al.*, 2020). Também, muitos acadêmicos de medicina que possuem conhecimento incompleto sobre a prática médica, e limitada experiência, podem agir como profissionais habilitados e utilizar as mesmas justificativas que esses usam para a automedicação (BERNARDES *et al.*, 2020).

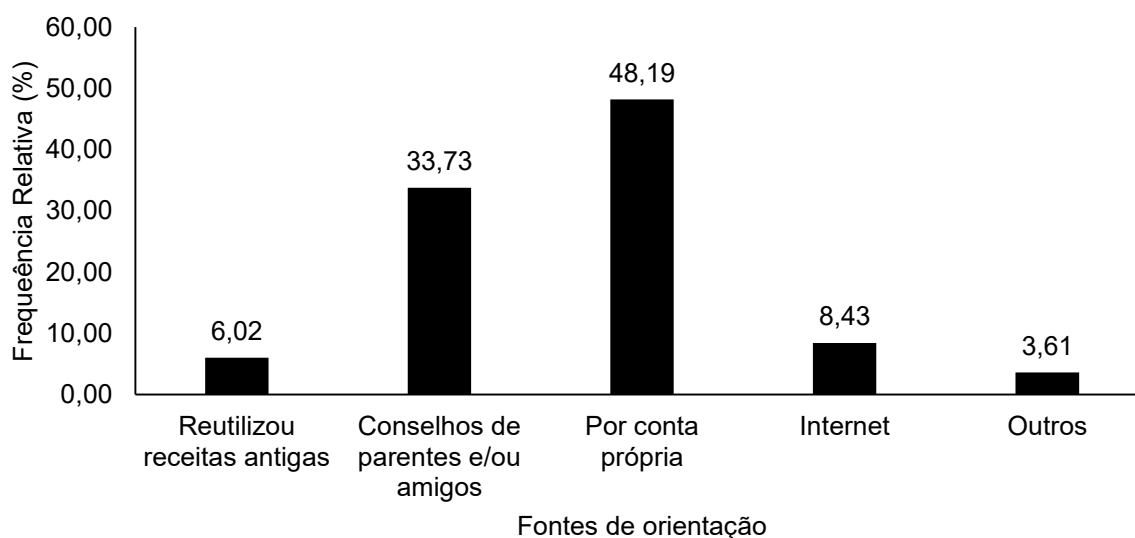


Figura 3: Fontes de orientações para a prática da automedicação pelos acadêmicos do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.
Fonte: Elaborado pelos autores

Na tabela 03 pode ser observado que, quando questionados sobre o conhecimento dos riscos inerentes da automedicação, 93,98% dos participantes afirmaram conhecer os riscos da automedicação, mas, essa percepção é bastante subjetiva, sendo que esse estudo não pode avaliar o real nível de conhecimento. Além disso, quando perguntados sobre o conhecimento das contraindicações e dos efeitos colaterais dos medicamentos, 77,11% afirmaram possuir conhecimento.

Cabe ressaltar que o abuso de certas classes medicamentosas, como o uso inconsciente de antibióticos, pode induzir o surgimento de bactérias multirresistentes. Isto eleva os custos do tratamento, aumenta as taxas de

hospitalização e os níveis de mortalidade. Além disso, determinadas classes de antibióticos podem provocar comorbidades e outros efeitos colaterais, como colite pseudomembranosa, ressecamento de boca e olhos, alterações do sistema nervoso e reações alérgicas graves. E ainda, o uso prolongado de analgésicos e anti-inflamatórios pode levar a consequências como hepatites, dores crônicas, úlceras e gastrites (MORAES *et al.*, 2018).

Tabela 3: Conhecimento sobre os riscos, contra indicações e efeitos colaterais dos medicamentos, pelos discentes do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Você tem conhecimento dos riscos da automedicação?	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Sim	78	93,98
Não	5	6,02
Você tem conhecimento das contraindicações e dos efeitos colaterais dos medicamentos?		
Sim	64	77,11
Não	19	22,89

Fonte: Elaborado pelos autores

A Tabela 4 demonstra que apenas 53,01% dos estudantes leem a bula do medicamento que irão utilizar. A bula é um importante instrumento de informações para o paciente, porém ela também pode gerar uma sensação superficial de domínio do saber médico. Apesar do grande número de informações contidas nas bulas, este fato não impede as pessoas de se automedicarem. Além disso, é fácil encontrar bulas de medicamentos disponíveis na internet, o que difunde as informações dos produtos, principalmente suas indicações, o que apresenta repercussões ainda difíceis de serem avaliadas (GAMA e SECOLI, 2017).

Tabela 4: Hábito de leitura da bula de medicamentos pelos discentes do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Você tem o hábito de ler a bula dos medicamentos?	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Sim	44	53,01
Não	39	46,99

Fonte: Elaborado pelos autores

Observando os dados da Tabela 5, verifica-se que apenas 13,25% dos alunos que participaram da pesquisa já sofreram algum evento adverso, como, por exemplo, a piora do quadro e sintoma de intoxicação após a automedicação. E quando questionados sobre a obtenção de resultados positivos da automedicação, todos os participantes relataram melhora e/ou alívio quando optaram pela referida prática. Valores semelhantes foram encontrados em pesquisa realizada sobre automedicação entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, quando 91,06% acadêmicos sempre obtiveram os efeitos esperados com automedicação (CHEHUEN NETO *et al.*, 2006). Nesse contexto, ressalta-se que o alívio instantâneo e temporário dos sintomas pode mascarar a doença de base ou até mesmo agravá-la de forma severa (NARANJO, 2018).

Tabela 5: Relato de eventos adversos e satisfatórios com uso da automedicação pelos discentes do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira, 2021.

Já sofreu algum evento adverso após automedicação (piora do quadro, intoxicação etc.)?	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Sim	11	13,25
Não	72	86,75
Já teve resultados positivos com o uso da automedicação (melhora, alívio etc.)?		
Sim	83	100,00
Não	0	0,00

Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com a figura 04, quando questionados sobre a frequência da automedicação no último ano, 63,86% dos alunos participantes relataram ter se automedicado em torno de 1 a 5 vezes.

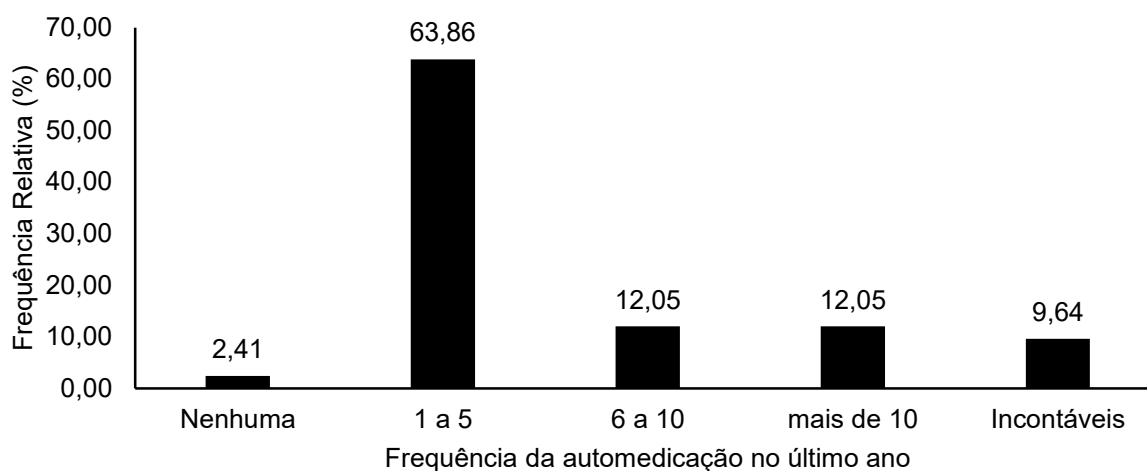


Figura 4: Frequência da automedicação no último ano pelos acadêmicos do 3º período do curso de Medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata Mineira. 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores

Segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), através do Instituto Datafolha, sobre o uso de medicamentos em um período de 6 meses, em média, os entrevistados declararam ter utilizado 3 tipos de medicamentos. Sendo os analgésicos e antitérmicos, indicados por 50% dos entrevistados, como os medicamentos mais comuns. Em segundo lugar, destaca-se o uso de antibióticos usado por 42% dos entrevistados (BRASIL, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que é alto o índice entre os acadêmicos do 3º período de medicina, de uma instituição de ensino superior localizada na Zona da Mata que fazem uso da automedicação. Portanto, é necessário a incorporação de práticas educativas quanto ao uso correto dos medicamentos, expondo os riscos da automedicação. Para tanto, considera-se importante que as instituições de ensino apresentem mais informações em relação à relevância deste tema durante a graduação.

Nessa perspectiva, os meios de comunicação também têm um papel importantíssimo na disseminação de informações científicas sobre os medicamentos e dos perigos do consumo desenfreado, além do incentivo da procura do profissional

médico, relevando os pontos positivos que uma consulta médica pode ter em relação à automedicação.

6. REFERÊNCIAS

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **9º Boletim de Farmacovigilância sobre Medicamentos isentos de prescrição - MIPs e automedicação**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/arquivos-noticias-anvisa/917json-file-1>. Acesso em: 15 Abr. 2021.

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Notificação de eventos adversos a medicamentos - Comunicado GGMON 003/2021**, de 04 de Abril de 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/04/20213103_comunicado_ggmon_003_2021.pdf > Acessado em: 15 Abr. 2021.

BRASIL. Conselho Federal de Farmácia (CFF). **Uso de Medicamentos**. Brasília. 2019. Disponível em <https://www.cff.org.br/userfiles/file/Uso%20de%20Medicamentos%20%20Relat%c3%b3rio%20_final.pdf> Acesso em 15 Abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, Diário Oficial da União, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Uso Racional de Medicamentos**. Brasília. 2019. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/uso-racional-de-medicamentos>. Acesso em 15 Abril de 2021.

BERNARDES, Helena Cardoso *et al.* Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 8631-8643, 2020.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCENA, Letícia Cardoso *et al.* Prevalência da Automedicação entre Acadêmicos da Área da Saúde em Faculdade de Porto Nacional – TO. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.13, n.1, Pub.1, fevereiro 2020.

MORAES, Lucas Grobério Moulim de *et al.* Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 167-170, 2018.

NARANJO, Ernesto Millan. **Uso indiscriminado de medicamentos: Plano de ação para informar a população quanto aos perigos da automedicação na UBS Cruzeiro do Norte, Urai, Paraná.** Orientadora: Ana Maria Mujica Rodriguez. 2018. 24 f. Monografia (Curso de Especialização Multiprofissional na Atenção Básica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CHEHUEN NETO, José Antônio. *et al.* Automedicação entre Estudantes de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 32, n. 3, p. 59-64, 2006.

OLIVEIRA, Bruna Maria Cristino *et al.* Automedicação entre estudantes universitários. **XI EPCC Anais Eletrônico**. 2019. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3614/1/BRUNA%20MARIA%20CRISTINO%20OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2021.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **The third WHO Global Patient Safety Challenge: Medication Without Harm**. 2017. Disponível em: <<https://www.who.int/patientsafety/medication-safety/en/>>. Acessado em: 15 Abr. 2021.

TOGNOLI, Thaís do Amaral *et al.* Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 382-386, 2019.

XAVIER, Mateus Silva *et al.* Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.